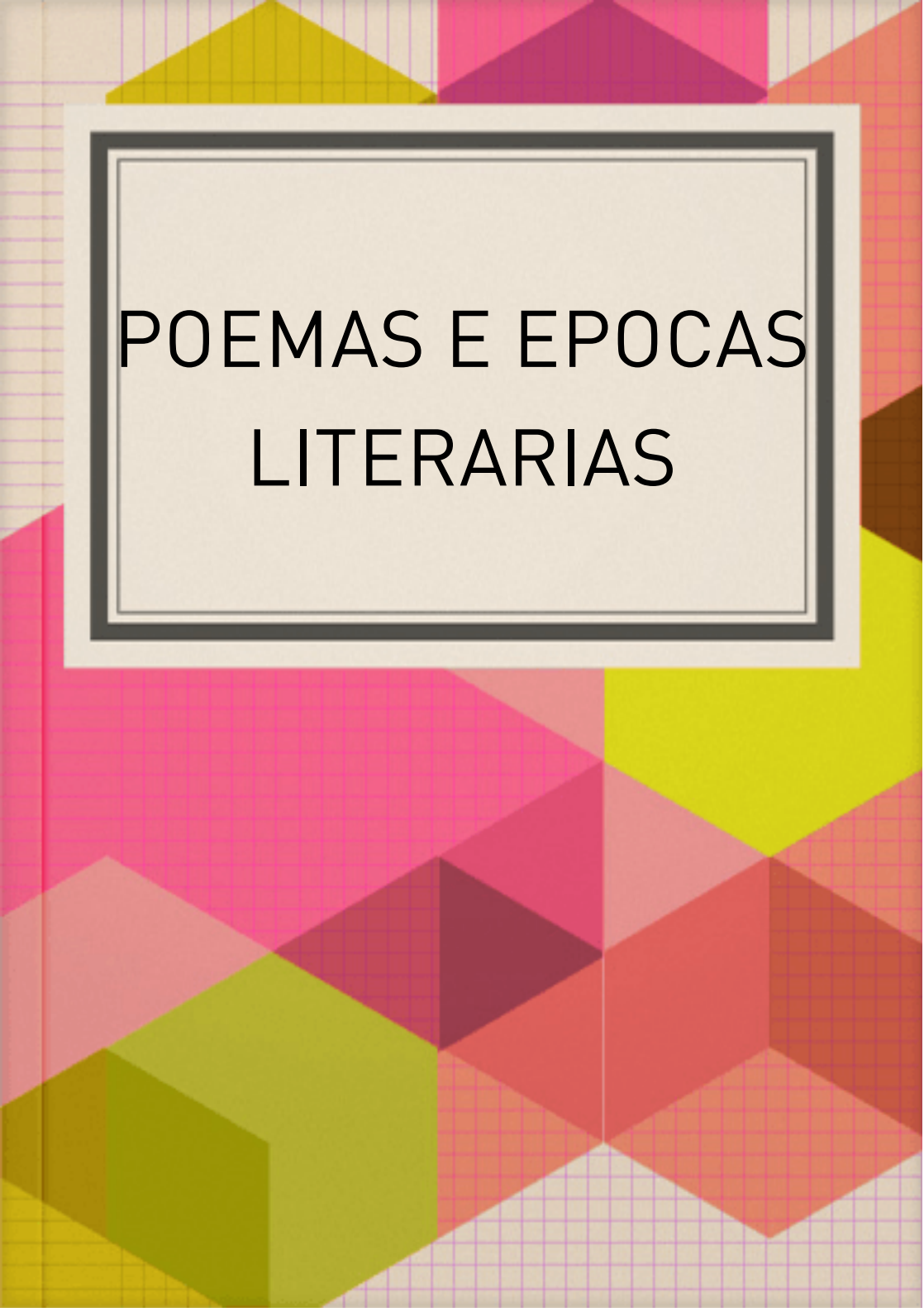




POEMAS E EPOCAS LITERARIAS

Quinhentismo

Jesus na manjedoura - Pe. José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? Jazo aqui

por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma

riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E

de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não

cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão

pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus

de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo

o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

BARROCO

Todo - Gregorio de Matos

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

ARCADISMO

Se é Doce - Du Bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver toucar-se
a manhã de etéreas flores, E, lambendo as
areias e os verdores, Mole e queixoso deslizar-se
o rio; Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se
os voláteis amadores, Seus versos
modulando e seus ardores Dentre os aromas
de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados,
Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me
em teus brandos olhos desmaiados. Morte,
morte de amor, melhor que a vida.

ROMANTISMO

Se Eu Morresse Amanhã-Álvares Azevedo

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha
mãe de saudades morreria Se eu morresse
amanhã! Quanta glória pressinto em meu
futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu
perdera chorando essas coroas Se eu morresse
amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera
tanto amor no peito Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora A ânsia de
glória, o dolorido afã... A dor no peito
emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

REALISMO

AUTOPSICOGRAFIA-FERNANDO PESSOA

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda Que se chama o coração.

NATURALISMO

POBRE AMOR-ALUÍSIO AZEVEDO

Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses Com teus beijos
de amor, meus lábios tristes, Com teus beijos de
amor, as minhas faces!

PARNASIANISMO

OUVIR ESTRELAS-OLAVO BILAC

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!"
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E
conversamos toda a noite, enquanto A via-láctea,
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu
deserto. Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que
conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem,
quando estão contigo?" E eu vos direi: "Amai para
entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz
de ouvir e de entender estrelas."

SIMBOLISMO

SINFONIAS DO ACASO-CRUZ E SOUSA

Musselinosas como brumas diurnas descem do ocaso as sombras harmoniosas, sombras veladas e musselinosas para as profundas solidões noturnas. Sacrários virgens, sacrossantas urnas, os céus resplendem de sidéreas rosas, da Lua e das Estrelas majestosas iluminando a escuridão das furnas. Ah! por estes sinfônicos ocasos a terra exala aromas de áureos vasos, incensos de turíbulos divinos. Os plenilúnios mórbidos vaporam ... E como que no Azul plangem e choram cítaras, harpas, bandolins, violinos ...

PRÉ-MODERNISMO

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO-AUGUSTO DOS ANJOS

**Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
Prof undissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!**

MODERNISMO

PRONOMINAIS - OSWALD DE ANDRADE

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.